



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

INTER RELAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA: UM BREVE ESTUDO SOBRE FORMAS DE CONTROLE SOCIAL

Daniela Cecilia Grisoski, grisoskidaniela@gmail.com

Eneida Santiago, ensantiagobr@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Resumo: O trabalho em questão tem como objetivo geral problematizar as possíveis relações entre a concepção de necropolítica, cunhada pelo teórico camaronês Achille Mbembe (2003), e a noção elaborada pelo filósofo francês Michel Foucault (2008) de biopolítica. O mesmo se destaca enquanto um recorte de uma pesquisa de pós-graduação *strictu senso*, iniciada em 2018, no programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Para tal, a pesquisa se pautou no viés qualitativo, se configurando como uma pesquisa exploratória de materiais bibliográficos, sendo estas produções referentes ao conceito de necropolítica e biopolítica, buscando realizar uma problematização referente a contraposição que perpassa ambos conceitos. Houve a compreensão de que Mbembe (2003) desenvolve um contraponto à biopolítica, todavia não a refuta. Hilário (2016), ressalta que Mbembe enfatiza que houve uma passagem de uma biopolítica para uma necropolítica, no que se refere às realidades das periferias de sociedades capitalistas na contemporaneidade. Assim, destaca-se que, de acordo com Mbembe, a teoria foucaultiana se encontra cunhada em um contexto eurocêntrico, não conseguindo abarcar o cotidiano de populações periféricas na contemporaneidade. Neste sentido, perspectivas como a de Mbembe cabem para dar sentido à realidade de outros cenários sociais que estejam destoados do âmbito europeu.

Palavras-chave: Necropolítica; Biopolítica; Controle social.

Introdução

O presente trabalho se caracteriza como um recorte em uma pesquisa de pós-graduação *strictu senso*, iniciada em 2018, no programa de Mestrado em Psicologia, seguindo a linha em Psicologia Social e Processos Institucionais pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Como objetivo, neste recorte, visamos problematizar as possíveis relações entre a concepção de necropolítica, cunhada pelo teórico camaronês Achille Mbembe (2003), e a noção elaborada pelo filósofo francês Michel Foucault (2008) de biopolítica. Foucault apresenta concepções referentes à biopolítica em distintas obras, como, por exemplo: *Em defesa da sociedade* (1999), *História da*



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

sexualidade: vontade de saber (1988), e *O nascimento da biopolítica* (2008), sendo esta última a obra que aqui será utilizada para abarcar tal concepção, levando em consideração que a mesma é resultado de um curso ministrado entre os anos de 1978 e 1979, visto como indicativo de amadurecimento do conceito que já havia sido trabalhado em outras ocasiões anteriores (Laudino, 2016).

O termo denominado necropolítica, de acordo com Hilário (2016), foi cunhado pelo historiador e cientista político camaronês, que possui relação com o chamado pensamento pós-colonial, Achielle Mbembe, na obra *Necropolitics* (2003). Mbembe desenvolve o conceito a partir da ideia de uma política centrada na produção de morte em larga escala, sendo característica de um mundo que está passando por uma crise sistêmica. Essa concepção sobre produção de morte pode ser vista tanto de forma física quanto política ou simbólica (Mbembe, 2014). A necropolítica é tida como uma estratégia de manter a sociedade em um modelo voltado à lógica de um mercado de consumo, ou seja, à produção de trabalho e capital. Tal fato ocorre porque a base do sistema social é o próprio trabalho vivo, o qual é voltado para a produção de mercadorias, desenvolvendo assim forças produtivas (Hilário, 2016).

Mbembe (2003) desenvolve um pensamento sobre as diferenças e as formas de se julgar a vida a partir do poder da morte, se baseando em reflexões no mundo contemporâneo. Para tal, leva em consideração que o sistema capitalista se respalda na produção de “massas supérfluas”, as quais são vistas como indivíduos que não condizem com as lógicas de esquemas de trabalho vivo, que, conseqüentemente, são excluídos da composição socioeconômica atual, passando a viver de formas consideradas precárias socialmente.

Já a noção de biopolítica, por sua vez, é tida enquanto tecnologias de gestão do corpo biológico das populações, que se configuram através de uma integração de técnicas disciplinares, saberes médicos e práticas políticas, que se dispõem de forma sutil. Tais técnicas atuam como mecanismos de regulação, segurança e saúde da população, visando um controle do Estado para com a mesma (Foucault, 2008).

Ferla, Oliveira e Ramos (2011), seguindo pressupostos teóricos de Foucault, enfatizam que, após meados do século XVIII, os saberes médicos começaram a se modificar, dando espaço a uma medicina moderna, a qual passou a ser pautada na



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

organização hospitalar, dando atenção à saúde, configurando-se através do investimento dos corpos individuais e coletivos, concretizando novas formas de saber-poder em relação aos corpos e a vida. Essas formas de saber-poder, dizem respeito às tecnologias hospitalares que passaram a atuar buscando proporcionar qualidade de vida nas pessoas.

Deste modo, a biopolítica se manifesta através de mecanismos de produção e manutenção de vida, aonde os sujeitos, a partir das tecnologias de gestão do corpo, são moldados e analisados para que sigam uma proposta de qualidade de vida, desenvolvendo suas habilidades para seguirem um sistema social pautado na produção do capital, tornando-se assim, úteis aos olhos do capitalismo (Guareschi, Lara & Adegar, 2010).

Procedimentos metodológicos

O presente trabalho foi traçado a partir de um viés qualitativo. Godoy (1995), ressalta que a forma de se fazer pesquisa qualitativa se dá por uma perspectiva de modo integrado, havendo uma preocupação o ambiente social que compõe o objeto a ser pesquisado. Deste modo, a configuração do mesmo se deu por uma pesquisa exploratória de materiais bibliográficos, de acordo com o objetivo proposto. Severino (2007), caracteriza uma pesquisa exploratória como sendo o levantamento de informações acerca de determinado objeto, delimitando um campo de trabalho e mapeando as condições em que esse objeto se manifesta.

Para o desenvolvimento, foram utilizadas produções bibliográficas referentes ao conceito de necropolítica e biopolítica, sobre às quais realizamos uma problematização quanto às possíveis relações entre ambos.

Resultados e Discussão

Tendo em conta as considerações acerca dos conceitos de necropolítica e biopolítica, é possível identificar que as duas concepções se relacionam, no que diz respeito ao fato que ambos os autores dão destaque às formas de controle das populações. Todavia, Mbembe (2003) compreende que há certa insuficiência em relação à noção foucaultiana de biopolítica para com as práticas contemporâneas, sendo assim, o conceito de necropolítica se apresenta enquanto um desenvolvimento



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

posterior à biopolítica. O teórico enfatiza que há a produção de morte em larga escala com indivíduos que são considerados “descartáveis” por um meio social capitalista, o que produz uma crise sistêmica (Mbembe, 2003).

Essa noção de sujeitos descartáveis pode ser pensada a partir de colocações de Tótorá (2011), que aborda que alterações no “modelo de existência” da população propuseram modificações no campo social que passou a se articular em uma lógica econômica. Assim, os sujeitos foram lançados a um mercado competitivo, ganhando elevando destaque àqueles que obtiverem maior acúmulo de capital, desconsiderando os demais, como se fossem, de fato, descartáveis.

Para Foucault (2008), o controle social das populações é realizado através de uma lógica de produção de vida efetivada por técnicas disciplinares, políticas e saberes médicos, além de outras formas de saber, que constituem uma concepção singular de saúde para os sujeitos, ou seja, há uma administração e normalização dos corpos, que faz com que os indivíduos sejam pertencentes a uma lógica que os torna úteis socialmente. Em contrapartida, Mbembe (2003), enfatiza que o controle social das populações é produzido pela destruição, de forma simbólica, de corpos e grupos humanos julgados como supérfluos pelo sistema capitalistas. Em outras palavras, sujeitos que se encontram na parcela tida como mais empobrecida da sociedade, acabam sendo vistos como descartáveis.

Considerações finais

O presente trabalho objetivou problematizar os conceitos de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe (2003), em contraste à ideia de Michel Foucault (2008) sobre biopolítica. Houve a compreensão de que Mbembe (2003) desenvolve uma contraposição à biopolítica, todavia não a refuta. Hilário (2016), aborda que Mbembe enfatiza que houve uma passagem de uma biopolítica para uma necropolítica, no que se refere às realidades das periferias de sociedades capitalistas na contemporaneidade.

Neste sentido, cabe ressaltar que Mbembe (2003), através de suas concepções sobre necropolítica, visa ampliar discussões acerca do controle social das populações, enquadrando-se na linha de pensamento surgida na África denominada “periferias do capitalismo”, como ressalta Hilário (2016). Este autor ainda destaca que, de acordo



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

com Mbembe, a perspectiva foucaultiana é cunhada em um contexto eurocêntrico, não conseguindo abarcar o cotidiano de populações periféricas na contemporaneidade. Sendo assim, perspectivas como a de Mbembe cabem para dar sentido à realidade de outros cenários sociais que estejam destoados do âmbito europeu.

Referências

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1988). Brasília. Recuperado em 28 de julho de 2018, de https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf.

Ferla, Alcindo A.; Oliveira, Paulo T. Ribeiro; Lemos, Flávia C. Silveira. (2011). Medicina e hospital. *Fractal: Revista de Psicologia*. 23(3), p. 487-500.

Foucault, Michel. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*, (1ª Ed.). Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (13ª Ed.). Trad. Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. (2008). *Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979)*, (1ª Ed.) Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

Godoy, Arilda Schmidt. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de administração de empresas*. 35(3), p. 20-29. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso de 28 de julho de 2018.

Guareschi, Neuza M. de Fátima; Lara, Lutiane de; Adegas, Marcos Azambuja. (2010). Políticas públicas entre o sujeito de direitos e o homo economicus. *PSICO*. 41(3), p. 332-339.

Hilário, Leomir Cardoso. (2016). Da Biopolítica à Necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. *Sapere Aude*. 7(12), p. 194-210. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/11813>. Acesso em 28 de julho de 2018.

Laudino, Alexandre de Lourdes. 2016. *Reflexões sobre biopolítica na filosofia de Michel Foucault: considerações sobre a metodologia e sobre o controle da população*. Dissertação Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

Mbembe, Achille. (2014). *Crítica da razão negra*. Lisboa: Editora Antígona.

_____. (2003). Necropolitics. *Public Culture*. 15(1), p. 11-40.

Severino, Antônio Joaquim. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.

Tótorá, Silvana. (2011). Foucault: biopolítica e governamentalidade neoliberal. *REU*. 37(2), p. 81-100.